

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

PERCEPÇÃO E USO DE PLANTAS EM ÁREAS DE DESERTIFICAÇÃO DO ESTADO DA BAHIA

Mateus Dumont Fadigas¹; Prof. Dr. Eraldo Medeiros Costa Neto²; MSc. Cássia Tatiana da Silva Andrade³

1. Bolsista PROBIC/UEFS, Graduando em Licenciatura em Ciências Biológicas, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: mdfadigas@gmail.com
2. Orientador, Departamento de Ciências Biológicas, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: eraldont@hotmail.com
3. Co-orientadora, Laboratório de Etnobiologia e Etnoecologia (LETNO), Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: ctandrade@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Semiárido, desertificação, etnobotânica.

INTRODUÇÃO

O semiárido brasileiro estende-se por uma área de 969.589,4 km², abrangendo 1.133 municípios dentro de nove estados, sendo oito deles pertencentes à região Nordeste (Brasil, 2005). Na Bahia, os municípios de Queimadas, Valente, Canudos, Rodelas, Uauá e Jeremoabo são alguns dos que se inserem no domínio do semiárido. Além da estiagem anual, a região sofre com secas periódicas “que ocorrem de tempos em tempos e que impede a produção agrícola e prejudica a pecuária” (Mendes, 1997).

As consequências da seca se tornam ainda mais graves quando associadas ao fenômeno da desertificação, que é “a degradação das terras áridas, semi-áridas e sub-úmidas secas, resultantes de vários fatores, incluindo as variações climáticas e as atividades humanas” (Convenção, 1998). O conhecimento do tema tem sido construído por diferentes pesquisadores, como Aziz Ab’Saber, Edmon Nimer, Valdemar Rodrigues e José Bueno Conti (Sales, 2003) e, atualmente, o Brasil conta com o Programa de Ação Nacional de Combate à Desertificação e Mitigação dos Efeitos da Seca (PAN-Brasil), que visa a ampliar os estudos e diminuir os prejuízos nas regiões desertificadas (Brasil, 2004).

Na Bahia, existem 289 municípios dentro das Áreas Suscetíveis à Desertificação (ASD), onde vivem cerca de sete milhões de pessoas, sendo que pouco mais de três milhões habitam a zona rural (Bahia, 2009). Esta população sofre com a escassez de água provocada pelas secas, desenvolvendo estratégias de sobrevivência variadas a fim de permanecer em suas terras. Tais estratégias incluem o uso de materiais disponíveis no ambiente, destacando-se as plantas que, no sertão, são aplicadas para fins diversos, como: alimentar, medicinal, forrageiro, ritualístico, doméstico, comercial etc. (Albuquerque, 2002; Andrade, 2008).

A pesquisa em Etnobotânica, que é o estudo das interações diretas entre seres humanos e plantas em sistemas dinâmicos, traz “contribuições para a conservação da diversidade biológica e cultural da região estudada” e “também para a compreensão de diferentes aspectos do comportamento humano, como: as estratégias de sobrevivência e adaptação ao meio ambiente” (Jorge, 2002). Apesar do avanço da pesquisa etnobotânica no Brasil, são raros os trabalhos que buscam aliar a produção do conhecimento etnobotânico associada às informações sobre seca e desertificação, contribuindo para uma melhor compreensão das estratégias de sobrevivência do sertanejo frente a um fenômeno climático que permeia seu ambiente.

A fim de estudar o conhecimento tradicional da região onde vivo, sobretudo no que diz respeito ao uso de plantas pelo povo sertanejo, tornei-me bolsista do Programa de Bolsas de Iniciação Científica da UEFS (PROBIC/UEFS), em convênio com o Instituto do Meio Ambiente da Bahia (IMA), e venho trabalhando no projeto de pesquisa intitulado “Mandacaru quando fulora na seca...: estudo multidisciplinar sobre processos de desertificação, estratégias adaptativas e empoderamento das comunidades que habitam nos sertões do estado da Bahia”.

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

Este trabalho de pesquisa no semiárido baiano faz-se necessário para valorizar o conhecimento local sobre as plantas consideradas úteis e para demonstrar como esses recursos são utilizados para o enfrentamento da seca.

MATERIAL E MÉTODO

Os dados foram obtidos mediante nove entrevistas semi-estruturadas realizadas com 17 moradores de casas isoladas ou de povoados da zona rural dos municípios de Valente e Queimadas, seguindo um roteiro pré-estabelecido de perguntas. Foi dada preferência a estas localidades por estarem mais próximas da cidade-sede do projeto e por pertencerem à região do semiárido, estando, portanto, dentro das Áreas Suscetíveis à Desertificação.

Antes de cada entrevista foi entregue aos participantes uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, contendo a apresentação da pesquisa. Utilizou-se um minigravador digital para registro da conversa, mediante permissão prévia dos entrevistados.

Foram feitas três visitas para a coleta de dados. As entrevistas foram, em sua maioria, coletivas (dois ou mais entrevistados) e a busca por novos informantes seguiu a técnica de “bola de neve” (Biernacki & Waldorf, 1981). Os dados foram transcritos integralmente para o caderno de campo, guardado no Laboratório de Etnobiologia e Etnoecologia da UEFS. Utilizou-se uma câmera digital para fotografar os entrevistados, o ambiente ao redor de suas casas e as amostras botânicas que ali existiam e que foram citadas nas entrevistas. Esse procedimento contou com a concordância prévia dos participantes.

Houve também a coleta do material botânico, mas nem todas as plantas citadas foram coletadas. Esse material foi depositado no herbário HUEFS e está em processo de identificação. A sistematização dos dados gerou tabelas e figuras que montam as principais informações etnobiológicas e botânicas dos recursos vegetais registrados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foi registrado o uso de 109 diferentes etnoespécies de plantas para os dois municípios estudados: em Valente foram catalogadas 72, enquanto Queimadas contou com 69, ocorrendo, portanto, repetição de 32 etnoespécies para as duas regiões. A fim de organizar os dados etnobotânicos, as plantas foram distribuídas em dez finalidades principais: medicinal, alimentar, místico, forrageiro, doméstico, comercial, venenoso/remoso, resistentes à seca, não resistentes à seca e de construção. Tal categorização de uso tem sido amplamente utilizada nos trabalhos da área para facilitar a compreensão e interpretação dos dados, como mostram os trabalhos de Pasa (2010), Nascimento (2009) e Silva (2005).

A maior diversidade de plantas utilizadas foi de finalidade medicinal (n=57), seguido por: alimentar (n=30), místico (n=19), forrageiro (n=18), doméstico (n=15), resistente à seca (n=11), construção (n=8), não-resistente (n=7), venenoso/remoso (n=6) e comercial (n=5).

A diversidade de plantas medicinais citadas reflete o que foi registrado por Albuquerque e Andrade (2002), Gomes (2008) e Andrade (2006). Segundo esses autores, as comunidades rurais do semiárido possuem uma riqueza e uma relação de dependência com as plantas medicinais, já que o acesso à medicina convencional muitas vezes não está disponível à população. Foi registrada também, em sete das nove entrevistas, a preferência do uso de plantas ao invés dos “remédios de farmácia” no tratamento e prevenção de doenças. Alguns entrevistados atribuíram isso à confiança nos conhecimentos tradicionais sobre plantas medicinais, enquanto outros falaram sobre o elevado preço dos medicamentos industrializados.

A planta mais citada foi a palma (*Opuntia ficus-indica* Mill), que apareceu em oito das nove entrevistas. Em segundo lugar, constam o pau-de-rato (*Poincianella pluviosa*), o mandacaru (*Cereus jamacaru* DC.) e o feijão (*Phaseolus vulgaris* L.), ambos citados em sete

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

entrevistas. Em terceiro lugar, apareceram a aroeira (*Myracrodruon urundeuva* Fr. All.), a cabeça-de-frade (*Melocactus zehntneri* (Britton & Rose) Luetzelb.), o milho (*Zea mays* L.) e a erva-cidreira (*Lippia alba* (Mill) N.E. Br.), citados em seis entrevistas cada. Os vegetais com uso mais diverso foram cactáceas: cabeça-de-frade, palma e mandacaru preencheram seis das dez categorias. Além de bastante citadas, elas também figuraram como sendo os vegetais de uso popular mais diversificado. Isso mostra que o sertanejo baiano sabe usar criativamente os recursos vegetais abundantes em seu entorno, destacando-se as cactáceas pela presença constante tanto no período de seca quanto na chuva, como afirma Andrade (2008).

Não foi possível fazer a coleta de todas as plantas citadas. Contudo, a maioria das que foram coletadas já está identificada e depositada no Herbário HUEFS, num total de 50 espécimes. A Figura 1 mostra a distribuição por família do número de espécies citadas.

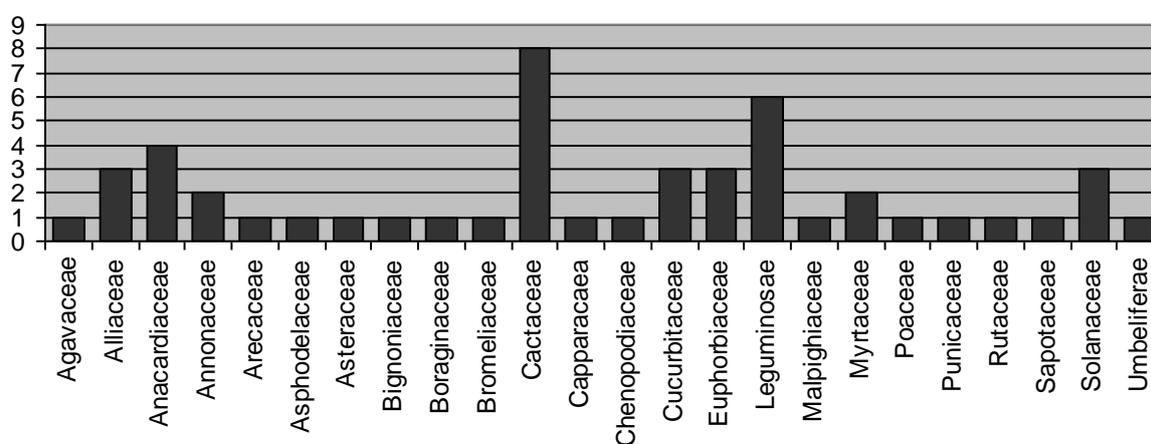


Figura 1. Famílias mais representativas das espécies usadas nos municípios de Queimadas e Valente

Quanto aos métodos de cultivo, em sete entrevistas se registrou a prática do uso de adubo de origem animal como fertilizante; em duas, foi assumido o uso de técnicas como aragem e queimadas; em seis entrevistas, admitiu-se que havia desmatamento na região e que isto contribuiu para o agravamento da seca. Também foi citada a prática da rotação de culturas e o “descanso da terra” como forma de manter a fertilidade do solo.

Segundo Sampaio (2007), a adubação com esterco é uma prática eficiente e recomendável para um uso sustentável do solo, sendo também uma boa alternativa para desacelerar os efeitos da desertificação. A rotação de culturas e o “descanso da terra”, atitudes relatadas pelos entrevistados, também contribuem para esse efeito (Kobyama, 2001). Contudo, a aragem e as queimadas podem intensificar este processo (Matahalo Júnior, 2001; Brasil, 2004), não sendo aconselhadas, portanto, nas práticas agrícolas. Também o desmatamento é responsável pela instalação e/ou aceleração do processo de desertificação (Brasil, 2004). As grandes secas, a irregularidade das chuvas e o baixo rendimento das colheitas relatados nas entrevistas são indicadores de uma área desertificada (Matahalo Júnior, 2001).

CONCLUSÃO

Com este trabalho foi possível observar que, diante da seca e dos efeitos da desertificação, os sertanejos da região rural dos municípios de Valente e Queimadas lançam mão dos conhecimentos que têm sobre o uso de plantas para criar estratégias de sobrevivência eficientes a fim de enfrentar as adversidades ambientais. Tais estratégias podem incluir a

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

utilização dos recursos vegetais do seu entorno como alternativas àqueles que comumente são usados na alimentação, medicina, construção, forragem, comércio e utensílios domésticos.

Pôde-se conhecer também a percepção do sertanejo em relação aos eventos climáticos que o envolve, os métodos de cultivos localmente empregados e a degradação do solo associada, bem como quais ações de recuperação/combate a essa degradação que estão sendo pensados pelos sujeitos. Existe uma variedade de plantas utilizadas pelo povo da região estudada, o que pode servir de base para ações de conservação e desenvolvimento sustentável no local.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, U. P. 2002. **Introdução à Etnobotânica**. Recife: Bagaço.
- ALBUQUERQUE, U. P. & ANDRADE, L. de H. C. 2002. Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de caatinga no estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. **Acta Botanica Brasilica** 16(3): 273-285.
- ANDRADE, C. T. S.; MARQUES, J. G. W; ZAPPI, D. C. 2006. Utilização medicinal de cactáceas por sertanejos baianos. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, Botucatu, 8(3): 36-42.
- ANDRADE, C. T. S. **Cactos úteis na Bahia: ênfase no semi-árido**. Pelotas, RS: USEB, 2008.
- BAHIA. 2009. **Programa estadual de combate à desertificação e mitigação dos efeitos da seca**. Salvador: Secretaria do Meio Ambiente.
- BIERNARCKI, P., WALDORF, D. 1981. Snowball sampling-problems and techniques of chain referral sampling. **Sociological Methods and Research**, Nova York, 10: 141-163.
- BRASIL. 2005. **Nova delimitação do semi-árido brasileiro**. Brasília, DF: Ministério da Integração Nacional.
- BRASIL. 2004. Ministério do Meio Ambiente. Secretaria de Recursos Hídricos. **Programa de ação nacional de combate à desertificação e mitigação dos efeitos da seca: PAN-Brasil**. Brasília.
- CONVENÇÃO das Nações Unidas de Combate à Desertificação. 1998. 2. ed. Brasília, DF: Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal.
- GOMES, E. C. S.; BARBOSA, J.; VILAR, F. C. R. et al. 2008. Plantas da caatinga de uso terapêutico: levantamento etnobotânico. **Engenharia Ambiental**, Espírito Santo do Pinhal, SP, 5(2): 74-85.
- JORGE, S. da S. A.; MORAIS, R. G. de. 2002. Etnobotânica de Plantas Mediciniais. In: I SEMINÁRIO MATO GROSSENSE DE ETNOBIOLOGIA E ETNOECOLOGIA, II SEMINÁRIO CENTRO-OESTE DE PLANTAS MEDICINAIS, 2, 2002, Cuiabá. **Anais...** Cuiabá: UFMT: FAMEV. p. 17.
- KOBIYAMA, M.; MINELLA, J. P. G.; FABRIS, R. Áreas degradadas e sua recuperação. In: EPAMIG. 2001. **Recuperação de áreas degradadas**. Informe Agropecuário, Belo Horizonte, 22(210): 10-17.
- MATALLO JÚNIOR, H. 2001. **Indicadores de desertificação: histórico e perspectivas**. Brasília: UNESCO.
- MENDES, B. V. 1997. **Biodiversidade e Desenvolvimento Sustentável do Semi-Árido**. Fortaleza: SEMACE.
- NASCIMENTO, A. R. T.; AMARAL DOS SANTOS, A.; MARTINS, R. C. et al. 2009. **Comunidad de palmeras en el territorio indígena krahò, tocantins, brasil: biodiversidad y aspectos etnobotánicos**. INCI, 34(3): 182-188.
- PASA, M.; NEVES, W.; ALCÂNTARA, K. 2010. Enfoque etnobotânico das categorias de uso das plantas na unidade de Paisagem Quintal, comunidade Fazenda Verde em Rondonópolis, MT. **Biodiversidade**, América do Norte, 7, abr. 2010. Disponível em: <http://200.129.241.94/index.php/biodiversidade/article/view/18/16>. Acesso em: 01/05/2010

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

SALES, M. C. L. 2003. Evolução dos estudos de Desertificação no Nordeste Brasileiro. **GEOUSP – Espaço e Tempo**, São Paulo, 14: 9-19.

SAMPAIO, E. V. S. B.; OLIVEIRA, N. M. B.; NASCIMENTO, P. R. F. 2007. Eficiência da adubação orgânica com esterco bovino e com *Egeria densa*. **Revista Brasileira de Ciências do Solo**, 31(4): 995-1002.

SILVA, A. J. R.; ANDRADE, L. H. C. 2005. Etnobotânica nordestina: estudo comparativo da relação entre comunidades e vegetação na Zona do Litoral. **Acta Botanica Brasílica**, São Paulo, 19: 45-60.